

## **ATA DE REUNIÃO DA MESA ESTADUAL DE DIÁLOGO E NEGOCIAÇÃO PERMANENTE COM OCUPAÇÕES URBANAS E RURAIS E OUTROS GRUPOS ENVOLVIDOS EM CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E FUNDIÁRIOS.**

Ao 1º dia do mês de dezembro de 2015, na sede da Cohab Minas, na Cidade Administrativa, realizou-se reunião com o objetivo de propor alternativas para a solução pacífica do conflito envolvendo ocupação indígena na fazenda Santo Antônio, no município de Buritizeiro, o presidente da Mesa, Claudius Vinícius Leite Pereira, abriu a reunião às 9:45h, esclarecendo o papel da Mesa como instrumento de mediação de conflitos fundiários urbanos e rurais visando à construção de acordos, sendo integrada por diversos órgãos do governo e representantes da Sociedade Civil, em seguida, passou a palavra à apresentação dos presentes. Os índios fizeram uma manifestação religiosa para abrir a reunião. A cacique Anália Aparecida da Silva disse que são quase 40 famílias na ocupação e contou um pouco da sua história na região. Ela disse ainda que os índios não querem degradar nada que tem lá, e sim, reconstituir a degradação que lá existe. Segundo ela, a área sofre com um verdadeiro descaso e abandono e os índios estão sendo ameaçados com tiros. Anália foi categórica em dizer que os índios estão dispostos a defender aquela terra nem que seja necessário derramar sangue e que os povos indígenas são cidadãos com direitos e deveres. “Não queremos esmola, estamos reivindicando a mãe terra, nosso bem comum e o Estado brasileiro tem obrigação com os povos indígenas do Brasil, Minas Gerais tem obrigação com nossa tribo Tuxá. Eu sou cacique não foi porque eu pedi, e sim porque meu povo viu em mim um espírito de liderança e eu tenho que fazer valer a minha hierarquia de cacique. Eu estou envelhecendo e ficando sem forças, mas eu vou lutar. Assim eu deixo meu pedido para negociarmos de forma pacífica e não abrimos mão daquela terra encantada.”, desabafou a cacique. A Pajé Analice Moises da Silva Maia disse que ali é o lugar deles e destacou que já conhecia a região e que via trabalho escravo quando trabalhou lá. Segundo ela, são 3000 habitantes que vivem no local. Ela reclamou que tem processo na justiça há 15 anos contra o município. “A fazenda esta em total abandono, são mais de 1000 cabeças de gado, um pescador tentou me matar, colocaram fogo na mata e eu estou ate com os pés queimados de tanto tentar apagar o fogo. Eu peço que vocês, representantes do Estado, nos ajudem, O Nilmário Miranda prometeu, o Glênio Martins prometeu. Peço que vocês olhem a nossa situação, pois, se vocês dividirem aquelas terras vocês vão acabar com elas. Ali é uma segunda Amazônia e não vamos deixar isso acontecer”, lamentou a pajé Analice, aos prantos. Membro da liderança jovem da aldeia, o índio Leonardo, disse que eles estão há cinco anos engajados nessa luta. Estudante de agronomia, Leonardo disse ter ficado espantado com o que viu na fazenda. Segundo ele, a EPAMIG (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais) não cumpriu seu papel de pesquisa. “Aquilo lá é terra do governo e nós, como indígenas e cidadãos, temos que reivindicar nossos direitos. Não vamos abrir mão porque temos que preservar o cerrado. O governo de Minas já teve o prazo dele e não fez nada e se continuar a degradação que esta lá, o local vai se destruir.”, falou Leonardo.

Após as declarações dos índios, o presidente da Mesa, Claudius Vinícius Leite Pereira, retomou a palavra disse que a Funai (Fundação Nacional do Índio) tem que reconhecer o povo como uma etnia e que só depois disso a Mesa de Diálogo poderá abrir uma negociação com os índios. Claudius disse ainda que deve haver uma averiguação no local das denúncias de tiros e das violações na propriedade para que a negociação ocorram em paz. A Mesa de Diálogo vai investigar o caso através de uma Câmara Técnica e analisar a possibilidade de uma visita dos técnicos no local. Lígia Alves, chefe de gabinete da Seplag, e membro da Mesa de Diálogo, disse que não é intenção do Estado a reintegração de posse, tendo em vista a dívida do país com a comunidade indígena. Ela solicitou a colaboração dos índios para que os pertences da EPAMIG sejam retirados do local, já que os ocupantes detém a posse de tais materiais. Lígia salientou que a Mesa de Diálogo vai suspender a tramitação interna contra a ocupação para possibilitar a permanência dos índios no local até que se chegue a um acordo. A pajé Analice pediu a palavra para esclarecer que a Polícia Militar esteve na fazenda juntamente com o capitão Wilson para pegar os pertences da EPAMIG. “La tem sim trator sucateado, uma carrocinha mais ou menos, 12 camas tamanho padrão, 5 colchões velhos, um computador sucateado, e vários papéis, poeira, está tudo lá intacto. Tinha cascavel dentro do escritório e jararaca dentro de casa quando abrimos.”, destacou a pajé Analice. O presidente da Mesa, Claudius Vinícius Leite Pereira, concluiu dizendo que a Mesa de Diálogo vai pedir a prefeitura para ligar a água e vai estudar uma data para a comissão fazer uma visita na fazenda.

Belo Horizonte, 1º de dezembro de 2015